



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

ESCRITA ACADÊMICA VERSUS “ACADEMÊS”: VARIEDADE LINGUÍSTICA OU PEDANTISMO NA ESCRITA?

Patrícia Souza Lemos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: patricianoslemos@hotmail.com

Marcia Helena de Melo Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Brasil), Brasil
Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

“O que eu chamo de Academês é o idioma da linguagem formal e rebuscada utilizada em academias de ensino. A língua utilizada por acadêmicos para demonstrar a sua superioridade intelectual frente às pessoas que não formaram na academia” – assim declara uma então estudante de Administração em um texto publicado em seu blog, em um tom de reflexão/denúncia (e, quem sabe, ressentimento).

Em virtude de questões sociopolíticas, no Brasil, o ensino da língua dita padrão tem sido uma das funções da escola, no tocante ao ensino de língua portuguesa, uma vez que esta tem sido considerada a variedade de prestígio, ligada às classes favorecidas intelectual e economicamente (MERCER; FOLTRAN, 1992-93). De acordo com Possenti (2006), “o que se chama vulgarmente de linguagem correta não passa de uma variedade da língua [...] utilizada pelos cidadãos mais influentes [...]” e também por aqueles menos influentes que a adquirem, no intuito de ascenderem socialmente, como uma ferramenta, um instrumento de poder.

Com base no trecho inicialmente citado, denunciando o “academês” supostamente praticado nas academias de ensino como uma linguagem com o propósito de exibir-se e excludente quanto àqueles que não possuem formação acadêmica, seria o caso de rechaçar a variedade formal, ou “facilitar” a compreensão dos indivíduos mediante o uso de uma variedade, digamos, mais coloquial?

De fato, a linguagem empregada nas instituições de nível superior não é acessível a toda e qualquer pessoa, sem que esteja inserida nas práticas ali desenvolvidas, porém pode ser aprendida/apreendida. Há, sim, indivíduos que possuem uma fala/escrita



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

pedante, tão somente para demonstrar cultura e erudição, porém indivíduos assim não estão apenas nas universidades, mas em vários outros domínios discursivos, como o jurídico, por exemplo, sendo casos isolados que se justificam pelas escolhas linguísticas do indivíduo.

No ambiente universitário, praticamente toda a comunicação ocorre no sentido de produzir conhecimento; para tanto, são recrutados termos próprios a diferentes áreas do saber, uma linguagem adequada a determinadas situações, são experimentadas maneiras de dizer diferentes das que utilizamos em nosso dia a dia, pois, segundo Possenti (2006), com base em Fischman, a padronização, que consiste na aceitação de um conjunto de costumes e normas que definem o “correto”, é uma das atitudes básicas para a valorização de uma variedade linguística.

Assim sendo, é nosso objetivo, neste estudo, discutir a respeito da variedade linguística utilizada na academia, principalmente na escrita, e a respeito do suposto “academês” praticado nas universidades. Assim, a seguir, descrevemos a metodologia para realização deste trabalho.

METODOLOGIA

A produção deste estudo, em aspectos metodológicos, realizou-se da seguinte maneira: seleção de um texto, publicado em blog, o qual representa o “gatilho” para a discussão sobre a variedade linguística predominante na academia: a variedade formal da língua (LEMOS, 2017). Sob o título *Academês*, o texto em questão foi publicado no dia 20 de abril de 2017, no Blog Café com trufas, de uma então estudante de Administração. Para a discussão, focamos em um trecho específico, central para nós.

Desse modo, fizemos um levantamento bibliográfico e a leitura de textos teóricos que abordam questões relacionadas principalmente à variação linguística, dentre outras temáticas. Vale mencionar, embora não seja o blog nosso objeto de estudo, que esse gênero é caracterizado como um diário pessoal em rede, apresentando uma escrita autobiográfica, com observações feitas no dia a dia (MARCUSCHI, 2008); diante disso, tornou-se mais fácil encontrar a menção feita ao “academês” – utilizado como gíria para denominar uma linguagem pedante – em um texto de cunho pessoal, visto não ser um termo corrente em textos científicos, no meio acadêmico.



Adiante, apresentamos nossas discussões, com base nos textos selecionados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciamos nossas discussões com alguns questionamentos no que tange a considerar o uso da variedade formal, especialmente na escrita, uma forma de exibicionismo ou exclusão, conforme sugere o texto *Academês*: seria a solução “facilitar” o entendimento dos leitores utilizando nos textos um vocabulário mais simples, coloquial; ou seria o caso de acreditar que aqueles que ingressam em espaços acadêmicos são capazes de corresponder ao desafio de se apropriar dessa variedade?

Parece haver, neste caso, uma inversão da atitude outrora (e ainda hoje) observada em relação à variedade de menor prestígio – considerada “erro” em decorrência de valoração social (POSSENTI, 2006). Resistir à variedade formal denota um posicionamento político do indivíduo, de resistência, porém demonstra, também, ingenuidade, uma vez que se trata de conhecer e saber utilizar mais uma variedade, além de outras adequadas ao contexto em que o indivíduo se encontra inserido. Conforme Mercer e Foltran (1992-93), a escola, ao ensinar a chamada língua padrão aos estudantes, oferece “às classes desfavorecidas um instrumento linguístico adequado para as inúmeras situações que se lhes oferecem”, pois, assim, o estudante será capaz de se adequar a uma situação mais formal, do mesmo modo que saberá se comunicar em situações menos formais, entre amigos e familiares, nas redes sociais com o uso do “internetês” etc.

Ademais, “[...] a apropriação dessa variedade da língua torna-se uma característica do posicionamento do sujeito em determinado contexto, [...] possibilidades de manifestação do falante em contextos distintos” (LEMOS, 2017, p. 60). Desse modo, importa que o indivíduo se atente ao fato de que uma variedade não é melhor que a outra, mas, sim, adequadas a situações específicas, sendo relevante apreendê-las/aprendê-las e utilizá-las quando houver a necessidade, pensando também em seu interlocutor.

Conforme dito anteriormente, o texto intitulado *Academês*, publicado no blog Café com trufas, no dia 20 de abril de 2017, por uma então estudante de Administração, deu origem às reflexões aqui apresentadas. Vejamos um trecho do texto:



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Academês

[...]

O que eu chamo de Academês é o idioma da linguagem formal e rebuscada utilizada em academias de ensino. A língua utilizada por acadêmicos para demonstrar a sua superioridade intelectual frente às pessoas que não formaram na academia. O mesmo que deixa um texto mais rico, mas também afasta o leitor menos fluente. [...] (grifo nosso).

Não é nossa intenção, aqui (nem mesmo é possível em poucas páginas), esmiuçar o texto, mas nos atentar principalmente para os trechos destacados em negrito. Primeiro, é importante salientar que o texto foi escrito por uma estudante do curso de Administração; por isso, provavelmente, sua falta de conhecimento de aspectos relacionados à língua, em especial aos estudos sociolinguísticos. Assim, sua “queixa”, presente em seu diário online – o blog Café com trufas –, expressa uma inquietação comum a quase todos os estudantes ao ingressarem nas universidades: a dificuldade inicial de compreensão dos textos lidos, produzidos por intelectuais, professores, pesquisadores já inseridos nas práticas acadêmicas.

Verificamos que a escrevente do texto *Academês* especifica sua definição do termo em referência à uma “linguagem formal e rebuscada utilizada em academias de ensino”. Esse suposto rebuscamento inferimos que se trate das escolhas vocabulares, construções sintáticas presentes nos textos científicos, resultados, também, do próprio estilo dos gêneros que circulam na academia e do estilo individual, os quais apontam para a instância autoral, conforme propõe Possenti (2002).

A estudante vai além, afirmando ser uma “língua utilizada por acadêmicos para demonstrar sua superioridade intelectual frente às pessoas que não formaram na academia”, o que demonstra uma visão equivocada sobre essa variedade, pois ainda que seja considerada de maior prestígio, não é esta sua função: exibicionismo ou humilhação, pois a produção do conhecimento não se assenta em atitudes como estas. Camacho (1990), ao discutir sobre as modalidades da variação linguística, conclui que, na escola, os professores devem ter duas atitudes: suprimir de seu vocabulário didático a concepção correto/incorreto e respeitar o padrão linguístico de seus alunos; entretanto, nos deparamos com estudantes em nível superior sem consciência de questões relacionadas ao uso da língua – o que não deveria ser privilégio apenas de estudantes de Letras. Assim,



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

resta-nos insistir um pouco mais em nosso discurso de conscientização, a fim de evitar o preconceito linguístico independente da variedade em questão.

CONCLUSÕES

Com base nas breves reflexões aqui apresentadas, verificamos que a dificuldade de compreensão de textos científicos, ao ingressarem no espaço acadêmico, aliada à falta de conhecimento de questões referentes à língua, especialmente em relação aos usos das variedades linguísticas, no tocante aos estudos sociolinguísticos, pode levar os estudantes ao desenvolvimento de concepções equivocadas – caso da definição do “academês” pela então estudante de Administração. Portanto, destaca-se a necessidade de conscientização dos estudantes, nas escolas, no intuito de evitar o preconceito linguístico independente da variedade em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita Acadêmica; Variedade Linguística; “Academês”.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ACADEMÊS. **Café com trufas**. Disponível em:

<http://cafecomtrufa.blogspot.com/2017/04/academes.html>. Acesso em 10 abr. 2019.

CAMACHO, Roberto. A variação linguística. In: HONÓRIO, Hildo. **A redação como libertação** (Coord.). 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

LEMONS, Patrícia Souza. **Escrita acadêmica e revisão textual: a construção do sentido em teses de doutorado**. 2017. 211f. Dissertação de mestrado (Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística, Vitória da Conquista-BA, 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296p.: - (Educação linguística; 2)

MERCER, José Luiz da Veiga; FOLTRAN, Maria José. Variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa. **Letras**, Curitiba, n. 41-42, p. 195-205, 1992-93. Editora da UFPR.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

POSSENTI, S. Índícios de autoria. **Perspectiva**, Florianópolis, 1-20, n. 01, p. 105-24, jan./jun. 2002.

POSSENTI, Sírio. Gramática e política. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO